

## ■ RELATOS DE EXPERIÊNCIA

### ■ A biblioteca em uma prática antirracista: A Biblioteca da Escola Parque do Rio de Janeiro

 Inês De Biase\*  
Vitor Hugo Costa\*\*

**Resumo:** O presente relato de experiência pretende apresentar reflexões sobre o trabalho com leitura literária em escolas do Ensino Fundamental e apontar possibilidades de trabalho com livros, leitura e literatura infantil, a partir da biblioteca, para a construção de uma prática de Educação antirracista. É preciso dizer que livros relacionados a esta prática não são apenas aqueles que falam sobre o combate ao racismo ou sobre povos escravizados, por exemplo. São livros que falam sobre isso e muito mais. O relato reflete sobre a ideia de Bibliodiversidade; discute formas de montar um acervo de livros com variedade e qualidade, que seja plural e democrático; mostra o que priorizar nessa escolha e apresenta propostas de trabalho que podem ser feitas, a partir deste acervo, com o objetivo de formar leitores mais críticos, abertos e reflexivos. Assim, a ênfase dada neste relato é o trabalho feito nas bibliotecas que atendem a alunos do 1º ao 5º ano, mais especificamente as práticas transdisciplinares e antirracistas realizadas em nossos espaços, sempre com o objetivo de contribuir para a formação de uma ampla comunidade antirracista, onde todas as representações culturais têm voz.

**Palavras-chave:** Educação Antirracista. Bibliodiversidade. Biblioteca. Literatura Infantil. Diversidade. Cultura.

---

\*Pedagoga formada pela PUC RJ, Especialista em leitura (Pós-graduação: Leitura: teoria e práticas), assessora de projetos literários, trabalha com formação de professores e é idealizadora e professora da Oficina Literária O Curso das histórias (para alunos de Ensino Fundamental I). Atualmente é Coordenadora de Projetos de Leitura da Escola Parque (RJ). Coordenou a escrita de Bibliotecas Infantis - Um programa para pequenos leitores - Caderno de referência das Bibliotecas Infantis da Rede de Bibliotecas Parque do Estado do Rio de Janeiro. Contato: ines.debiase@pro.escolaparque.g12.br e @ocursodashistorias no Instagram.

\*\*Bacharel em Artes Cênicas com Habilitação em Direção Teatral pela UFRJ. Pós-graduado em Pedagogia da Cooperação e Metodologias Colaborativas. Atualmente é Mediador de Leitura do Ensino Fundamental I da Escola Parque (RJ). Educador e Contador de Histórias, é Idealizador da metodologia CooperArte, um elo entre a Arte/Educação e a Pedagogia da Cooperação. Atua como Contador de Histórias em espaços culturais e/ou pedagógicos pelo projeto Contado Contado. Contato: vitor.hugo@pro.escolaparque.g12.br e @contatocontado no Instagram.

## Introdução

Só quando conhecemos as histórias uns dos outros é que aceitamos nossa humanidade. Quando conheço as histórias do meu povo e da minha cultura, é então que me torno humano.

Rudine Sims Bishop

O trabalho desenvolvido pela equipe das bibliotecas da Escola Parque - escola da rede privada do município do Rio de Janeiro - tem como princípio político-pedagógico uma educação que zele pela autonomia e pela liberdade.

O espaço da biblioteca não é apenas depósito de livros, mas um lugar que tem buscado ampliar seu propósito inicial de ser uma "caixa de livros" para ser espaço de convergência de cultura. Nossa biblioteca é espaço vivo, de troca e abertura, conversa e questionamentos.

Entendemos a Literatura como Arte. Sendo uma manifestação artística e cultural, a literatura dialoga com outras expressões sensíveis como teatro, dança, cinema e artes visuais. Na Biblioteca da Escola Parque, trabalhamos com uma equipe multidisciplinar que conta com profissionais com formação multidisciplinar como Pedagogia, Letras e Artes Cênicas, além de Biblioteconomia.

Quando percebemos que a história da nossa sociedade foi contada apenas por uma classe dominante, compreendemos o que nos apontam Angela Davis, bell hooks, Chimamanda Ngozi Adichie, Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro, dentre outras e outros que são referência para o nosso trabalho. Para Davis "numa sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista". Assim, uma educação libertária é para todos! Por mais óbvio que isso possa parecer, precisamos colocar o foco nessa amplitude, já que não foi dessa forma que a História foi construída, mas é assim que acreditamos que a devemos construir no nosso tempo.

Como sociedade, convivemos com o racismo estrutural. A escola relatada aqui é uma instituição que atende um público majoritariamente de classe média, alta e de alunos brancos. A educação tradicional ofertada a essa classe é historicamente preconceituosa em todas as suas vertentes. Fora do espaço escolar as crianças são alimentadas por ideias estreitas por meio de filmes, desenhos, lojas de brinquedos, encontros de família. Ideias como as de que meninos não usam rosa, princesas são apenas brancas e europeias etc., são ainda muito difundidas e perpetuadas, embora já se verifiquem mudanças importantes neste cenário. Lembrando a fala da filósofa e educadora Patricia Lins e Silva,

"Racismo não se limita a atos individuais de mesquinhez e ignorância; é principalmente um sistema invisível que beneficia o grupo branco. Os alunos brancos sabem que o racismo deixa os negros em desvantagem, mas é raro saberem do 'privilegio branco' que lhes dá vantagens desde seu nascimento".<sup>1</sup>

Portanto, a escola precisa ser espaço de abertura, diálogo e pensamento crítico. E precisa estar comprometida com uma Educação antirracista. Nosso trabalho, enquanto educadores é refletir sobre esse lugar comum a que fomos condicionados e pensar em formas de não reproduzi-lo para nossos alunos, de modo que eles possam compreender a importância que eles também têm nesse processo de transformação da sociedade.

Dentro desse contexto, entendemos que uma educação antirracista é uma prática cotidiana. Destacar essa rotina atenta dos mediadores de leitura da Biblioteca é importante porque uma das falhas que observamos com o passar dos anos é tratar a educação antirracista como um tema e não como algo do cotidiano.

Apenas em novembro, por exemplo, muitas escolas e educadores buscam promover o Dia da Consciência Negra para tratar do assunto. Isso pode gerar efeitos danosos num contexto maior. Enquanto tratarmos a nossa cultura brasileira como uma cultura somente de matriz europeia e as raízes afro-ameríndias como um anexo desta cultura, estaremos nos distanciando da nossa verdadeira identidade, mais abrangente, rica e plural. Contamos histórias africanas e indígenas como contamos a história de outro povo, sem assimilar que elas não são apenas um ingrediente do nosso povo, elas são o nosso povo. Nossa língua, nossa culinária, nossas expressões artísticas, nossos hábitos não são atravessados ou enriquecidos por uma cultura afro-ameríndia. A nossa cultura é afro-ameríndia!

Para esse relato, decidimos destacar um pouco do trabalho feito nas bibliotecas que atendem ao Ensino Fundamental I (1º a 5º ano), mais especificamente as práticas transdisciplinares e antirracistas realizadas em nossos espaços, sempre com o objetivo de contribuir para a formação de uma ampla comunidade antirracista, onde todas as representações culturais têm voz.

## A criança e a literatura

Antes de seguirmos adiante, achamos importante deixar clara qual a concepção de criança norteia nosso trabalho. E explicitar melhor por que acreditamos ser fundamental ler literatura. Acreditamos que, como diz

Sonia Kramer (1996: 14), as crianças são “produzidas na e produtoras de cultura” e que, portanto, podem ser críticas desta mesma cultura e trazer rupturas e transformações. As crianças refletem sobre o mundo que as cerca e agem sobre ele.

Vemos a literatura como possibilidade de abertura de mundo, como expressão e encontro (YUNES, 1984: 131). Entendemos a obra literária como manifestação artística e cultural e não como uma finalidade. Sabemos que, como diz a escritora, professora e especialista em literatura María Teresa Andruetto, “os bons livros não são criados com um único propósito, mas (...) carregam uma grande multiplicidade de sentidos”.

Por que lemos literatura? Lemos para fantasiar, criar, para nos divertir, nos encantar. Lemos para refletir sobre a nossa língua, nosso lugar no mundo, para saber, compreender, aprender. Lemos porque desconhecemos, porque há faltas, para buscar respostas, para buscar beleza e transcendência. E também para viajar, conhecer outros mundos possíveis e imaginários, viver outras vidas. Mas, acima de tudo, lemos para nos reconhecermos como humanos e para aprendermos a sermos humanos, porque somos todos humanos<sup>2</sup> e ao mesmo tempo, singulares e únicos nas nossas diferenças. Esta convicção alimenta o nosso caminhar.

Acreditamos na literatura como formação. Assim como nós adultos, as crianças também leem por todos estes motivos. Lendo, experimentam o mundo, experimentam a empatia e se tornam leitores mais críticos, compreensivos, menos preconceituosos. Leitores de livros e de mundo. Ao mesmo tempo, as crianças estão - como dizia o poeta Manoel de Barros - “ao ponto do poema” e como ainda são seres humanos novos no mundo, muito desconhecem, mas também estão muito abertos para conhecer. Neste sentido, ressaltamos a fala de Nelson Mandela quando diz:

“Ninguém nasce odiando outra pessoa por causa da cor da sua pele, ou sua origem, ou sua religião. As pessoas têm que aprender a odiar, e se elas podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto.”

A partir do que experienciamos no trabalho desenvolvido na biblioteca, temos a forte convicção de que é possível ensinar a sermos mais empáticos e menos preconceituosos, apesar do racismo estrutural cotidiano. A literatura, quando diversa e plural, é um veículo fundamental para isso.

### Nosso caminhar, nossas práticas

A Escola Parque, que completou 50 anos em 2020, tem quatro unidades em dois bairros do município do Rio de Janeiro: duas na Gávea, Zona Sul da cidade, e duas na Barra da Tijuca, Zona Oeste. O Acervo da Biblioteca, em constante construção, tem mais de 40.000 livros e vem sendo constituído há muitos anos. Priorizamos a bibliodiversidade, com um acervo múltiplo, plurirracial, multicultural, de qualidade e montado com a participação de toda a equipe da Biblioteca e também com sugestões de toda a comunidade escolar: professores, orientadores, coordenadores, funcionários, responsáveis e, principalmente, das crianças.

Sistematicamente fazemos aquisições de livros físicos e digitais e, para escolhermos os livros fazemos pesquisas em catálogos, sites, redes sociais e blogs de editoras e em publicações literárias, listas de prêmios (como Andersen, Jabuti, Feira de Bologna, Cátedra PUC UNESCO de Leitura etc), em visita a livrarias, atendimento às distribuidoras das editoras, análise constante do acervo para perceber faltas, discussões da equipe sobre qualidade literária, com amplo estudo sobre literatura e constituição de acervos. Faz parte de nossa prática também pesquisar pequenas e médias editoras que vêm se dedicando a publicar autores negros e indígenas e que falam sobre pessoas em situação de refúgio como Mazza, Pallas, Malê, Nandyala, Uk’a Editorial, Peirópolis, Pulo do Gato... e livrarias como Maracá, Timbuktu, Africanidades, Nombeko, dentre outras.

Um passo fundamental para construir esse acervo que traz a marca da bibliodiversidade é escolher livros que tenham qualidade e variedade, buscando ir além do chamado cânone literário tradicional ocidental: branco e masculino. Compramos mensalmente livros que contemplem a cultura popular e outros saberes e narrativas. Livros de diversos temas, gêneros, autores e autoras, ilustradores e ilustradoras, e com diferentes formatos, designs gráficos, tamanhos e materiais estão em nossas estantes.

A ideia é ampliar, “é pensar em um cânone que esquite, que se ofereça ao diálogo, que se abra para a cultura que corre fora das instituições e que não se reduza a seus ditames.” (BAJOUR, 2012: 97). Sabemos que falamos de um lugar específico. Por isso precisamos questionar diariamente, ações e pensares da nossa prática. Compreendemos que o trabalho para uma Educação antirracista, com uma escola e uma comunidade mais inclusivas, vai além da biblioteca. É preciso que a escola e toda a comunidade escolar se envolvam. Por isso,

“É fundamental que as bibliotecas infantis possam expandir-se para além de seus espaços físicos, abrindo-se para as

comunidades em seu entorno, democratizando esse patrimônio, e fazendo com que a leitura seja incorporada às práticas de vida de seus leitores, permitindo trocas culturais, e fazendo com que, a partir delas, se criem comunidades leitoras” (DE BIASE (coord.); CALDERÓN; MARTINEZ e TRAVASSOS, 2015: 19).

Mas como, a partir da construção de um acervo mais democrático, isso tem acontecido nas nossas bibliotecas?

Primeiramente é preciso dizer que livros relacionados a esta prática não são apenas aqueles que falam sobre o combate ao racismo ou sobre povos escravizados, por exemplo. São livros que falam disso e muito mais: livros que falam do afeto, que trazem personagens negras/negros no cotidiano, em situações de protagonismo, que trazem histórias de matriz africana e afro-brasileiras, de autoras e autores, ilustradoras e ilustradores negros, que apresentam as variadas culturas do continente africano. São livros que trazem também autores e histórias indígenas, histórias árabes, chinesas, japonesas, indianas...E não basta termos estes livros. No dia-a-dia da Biblioteca é preciso dinamizar este acervo, destacando-o em estantes privilegiadas, dentro e fora da biblioteca, e trazendo esses diferentes personagens, autoras e autores para os murais.

Figura 1 - Mural Biblioteca Educação Infantil e 1º ano do F1



Fonte: Acervo da Biblioteca

Com a vivência da pandemia, começamos a elaborar murais virtuais (padlets)<sup>3</sup> com dicas de livros e vídeos, com entrevistas e animações, destacando autores, diretores e ilustradores negros, indígenas e de cultura popular que achamos importante que nossos alunos conheçam.

Também ampliamos a nossa produção autoral, com gravação de vídeos, podcasts, oficinas, histórias e poemas, e criamos listas com livros que consideramos fundamentais, que apresentamos nos padlets. Esses murais e ações não deixarão mais de fazer parte de nosso cotidiano, pois, assim como lives e meets sobre

Educação antirracista promovidos pela escola e apoiados pela Biblioteca, por serem virtuais, puderam ir mais longe, alcançando mais gente.

Em nossos espaços, todos os dias, lemos e contamos histórias e fazemos imprescindíveis rodas de conversa sobre as leituras e contações, trazendo sempre narrativas de muitas culturas, valorizando a cultura popular, e discutindo a dicotomia entre esta e a cultura dita erudita. Também estamos presentes em diversos projetos realizados na escola, com encontros de formação de professores, contação e leitura de histórias, e criação de jogos e brincadeiras com as crianças.

Fotos 1 e 2 - Conversas e brincadeiras africanas a partir da leitura dos livros Mediadora de Leitura Lúcia Calderón



Fonte: Acervo da Biblioteca

Fotos 3 e 4 - Contação e leitura de histórias Omo-Oba, Obax, A Semente que veio da África e Os comedores de palavras



Fonte: Acervo da Biblioteca

Como dissemos, a dinamização do acervo, por parte dos mediadores, não se limita aos destaques no espaço da biblioteca ou no fortalecimento do vínculo do livro com o leitor. A formação multidisciplinar da equipe se traduz em práticas pedagógicas transdisciplinares.

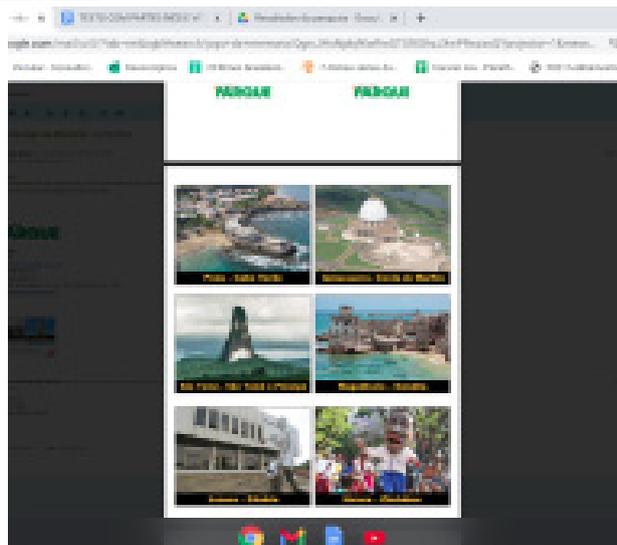
Uma das atividades realizadas com alunos do 2º ano, a partir de leituras que evidenciavam a pluralidade do continente africano como “Kakopi, Kakopi”, de Rogério Andrade Barbosa, Editora Melhoramentos, “Formas e cores da África”, de Mércia Maria Leitão e Nereide Duarte, Editora do Brasil, tinham como objetivo principal ampliar a nossa visão e a dos nossos alunos sobre o continente africano, descobrir quais são as áfricas presentes nesse gigante continente, com seus 54 países, 1 bilhão de pessoas e suas quase 3.000 línguas nativas.

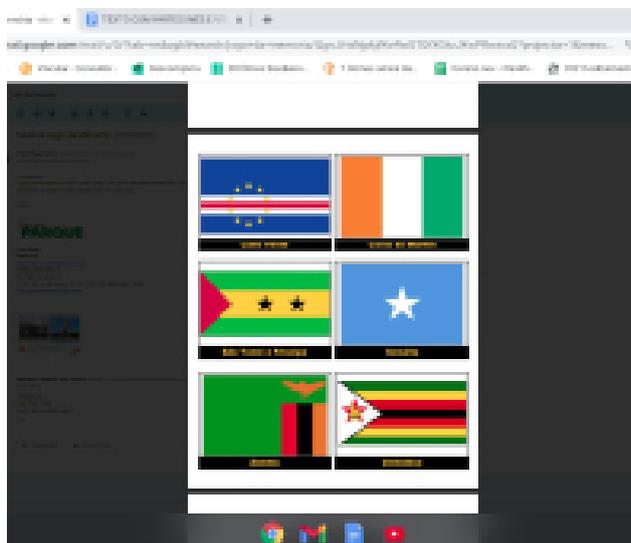
Sabemos que nós, brasileiros, estamos condicionados a olhar para o continente africano pela ótica de um estrangeiro, um olhar de um cinema norte-americano que evidencia uma faceta unicamente pobre, violenta e mítica.

Os alunos pesquisaram sobre a diversidade étnica e cultural, valorizando o que tem de belo e plural no continente africano. Cada turma aprofundou os seus estudos em 6 países, descobrindo suas riquezas e suas culturas. Pesquisamos alguns pontos turísticos de 30 capitais e selecionamos, por votação, os mais significativos de cada lugar. Descobrimos países que falavam língua portuguesa, destacando uma urbanidade através de museus, templos, praças, e conhecendo a história das revoluções de independência. No jogo, uma carta com uma foto da capital, com uma legenda com o nome da capital e do país, forma par com uma carta com a bandeira do país com a legenda e seu respectivo nome.

Assim, produzimos um jogo que nos permite aprender brincando! Quanto mais jogamos, mais nos apropriamos de bandeiras de países que não costumamos conhecer. Quanto mais jogamos, mais apreciamos a geografia e as belezas dos países que não imaginávamos que pudessem existir. E, assim, com novos pontos de vista, podemos (re)construir imagens e realidades diferentes daquelas, das quais sempre fomos condicionados a acreditar.

Figura 2 e 3 - Elaboração de jogo da memória - continente africano





Ainda faz parte do nosso trabalho sugerir livros para ampliação e desenvolvimento de projetos como o "Infâncias", também realizado pelo 2º ano, que no ano de 2020 contou com: "Da minha janela", de Otávio Júnior, "Amoras", de Emicida, e "Malala e seu lápis mágico", de Malala Yousafzai, da Companhia das Letrinhas (que junto a outras editoras criou o movimento Escolas Antirracistas neste ano), e também "Kabá Darebu", de Daniel Munduruku, da Editora Brinque-Book (agora parte do Grupo Editorial Companhia das Letras, junto com a Editora Zahar).

O livro "Da minha Janela", obra que ganhou o prêmio Jabuti de melhor livro infantil em 2020, rendeu um rico trabalho, que nos levou para fora das janelas de nossas casas e para dentro também. Esse projeto teve a participação especial do autor Otávio Júnior que conversou virtualmente com a equipe pedagógica e os nossos alunos e alunas sobre o tanto que podemos enxergar ao abriremos nossas janelas, ampliando os olhares.

## Mantendo janelas abertas

A autora norte-americana Rudine Sims Bishop diz (e aqui agradecemos à autora e pesquisadora de infâncias, Gabriela Romeu, por nos apresentar à autora):

"Os livros às vezes são janelas, oferecendo visões de mundos que podem ser reais ou imaginárias, familiares ou estranhas. Essas janelas também são portas de vidro corrediças, e os leitores só precisam caminhar por elas na imaginação para se tornar parte de qualquer mundo que tenha sido criado e recriado pelo autor.

## E prossegue,

Quando as condições de iluminação são adequadas, no entanto, uma janela também pode ser um espelho. A literatura transforma a experiência humana e a reflete de volta para nós, e nessa reflexão podemos ver nossas próprias vidas e experiências como parte da experiência humana mais ampla. Ler, então, torna-se um meio de autoafirmação, e os leitores muitas vezes procuram seus espelhos nos livros."

Pois é essa crença de que livros podem ser janelas que nos levam além, mas também espelhos que refletem a multiplicidade do que somos como seres humanos, que nos ajuda a construir nosso caminho. Que acontece não sem tropeços e questionamentos, mas com a certeza de que é possível formarmos leitores e cidadãos mais críticos, reflexivos, abertos e compreensivos, que compreendem que as diferenças nos transformam em seres mais humanos.

## Nota de agradecimento

Nesta caminhada, junto conosco, fazem parte da equipe Wilma Silva, Denise Imay, Maria Lúcia Calderón, Flávia Santos, Graciane Cunha, Dinair Fonte e Patrícia Sodré. Nosso agradecimento pelo empenho e dedicação. ■

## Referências

BAJOUR, Cecília - Ouvir nas entrelinhas. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

DE BIASE, Inês (coord.); CALDERÓN, Maria Lúcia; MARTINEZ, Ana Cláudia e TRAVASSOS, Sônia - Bibliotecas Infantis - Um programa para pequenos leitores - Caderno de referência das Bibliotecas Infantis da Rede de Bibliotecas Parque do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2015.

KRAMER, Sonia. Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamin. In: KRAMER, Sonia e LEITE, Maria Isabel. Infância: fios e desafios da pesquisa. São Paulo: Papyrus, 1996.

YUNES, Eliana. Infância e infâncias brasileiras: a representação da criança na literatura, Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC, 1986.

Sobre algumas autoras que embasam nosso trabalho, recomendamos:

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

DAVIS, Angela. A liberdade é uma luta constante. São Paulo: Boitempo, 2019.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

NGOZI ADICHIE, Chimamanda. O perigo da história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. Manual antirracista. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

## Notas

1 Ver em: Patrícia Lins e Silva - <https://vejario.abril.com.br/blog/patricia-lins-silva/racismo-existe/>

2 Vale destacar que aqui a expressão “somos todos humanos” não se trata de generalizações ou banalização e não deve ser confundida com a expressão “todas as vidas importam” usada em contraponto “vidas negras importam” ou “todos somos humanos sem diferença”, numa ideia de negação às desigualdades históricas da população negra.

3 Murais virtuais - padlets - elaborados pela Biblioteca:

<https://padlet.com/inesdebiase/xvzliopyxtwlycls>

<https://padlet.com/inesdebiase/epevhbxv4ustqb2>

<https://padlet.com/inesdebiase/o42976oa5p6ofvyv>